

O COMPORTAMENTO DERIVACIONAL DAS DESINÊNCIAS DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR

Viviane Maia dos Santos (UFRJ)
vivianemaiasantos@ig.com.br

1. Introdução

O objetivo do presente trabalho é discutir a validade da interpretação do sufixo de segunda pessoa do singular (doravante DP) como afixo derivacional. A hipótese é que a gramaticalização ou pronominalização da forma *você*, e sua subsequente inserção no quadro de pronomes pessoais brasileiro promoveram uma mudança no *status* morfológico do afixo, que passou a apresentar comportamentos típicos dos afixos derivacionais. As DP são tacitamente consideradas pertencentes à morfologia flexional pelas gramáticas tradicionais¹⁶⁴, mas o que se observa atualmente é que as DP de segunda do singular estão assumindo características típicas dos afixos considerados derivacionais. Para testar nossa hipótese, em primeiro lugar analisar-se-á o que tornou possível a criação de outras formas de expressão do significado gramatical: segunda pessoa do singular. Em seguida, submeter-se-ão os novos afixos aos parâmetros propostos por Gonçalves (2005), para se verificar se tal hipótese encontra acolhida na teoria proposta pelo autor. O *corpus*, aqui analisado, será um material de fala espontânea, que está sendo constituído, a partir de metodologia experimental, para a coleta dos pronomes-sujeito de referência à segunda pessoa do singular.

2. Gramaticalização, pronominalização da forma *Vossa Mercê* > *você* e sua inserção no paradigma pronominal brasileiro

Alguns estudos, como os de (LOPES, 2007; LOPES/RU-MEU, 2004) mostram que o processo de gramaticalização ou pronominalização de *Vossa Mercê* > *você* iniciou-se nos séculos XIX e XX. A partir do século XX-XXI, ocorreu a inserção da forma nominal de tratamento *você* no sistema pronominal brasileiro, causando variações geográficas, sociolinguística e, até mesmo determinações pragmáticas se considerarmos a atuação das relações sociais nas escolhas de certas estratégias nominais e pronominais de tratamento. Por outro lado, Silva (2000) mostra que o uso

¹⁶⁴ BECHARA, 2009; SACCONI, 1989; CEREJA & MAGALHÃES, 1999 *et alii*

majoritário de *tu* – forma recorrente no século XIX – só será suplantado por *você* por volta dos anos 20-30 do século XX. A inserção da forma *você* no sistema pronominal brasileiro não ocorreu da mesma maneira em todas as categorias gramaticais. Consoante Lopes, aparentemente, é na posição de sujeito que a forma *você* se firmará. A produtividade da forma *você* na categoria gramatical sujeito talvez tenha gerado a mudança de status morfológico das DP de segunda pessoa do singular, já que, por ser originada de uma forma nominal de tratamento, tornou possível que a forma *tu* também se associasse a verbos na terceira pessoa do singular, cabendo, portanto, aos pronomes a responsabilidade de identificar a pessoa do discurso. A expressão formal das DP deixou de ser obrigatória e os sufixos passaram a concorrer com outras formas de expressão para o mesmo conteúdo gramatical.

3. *As desinências de segunda pessoa do singular*

Se consultarmos as gramáticas tradicionais, poderemos verificar que a categoria de pessoa é considerada pertencente à morfologia flexional. São comuns afirmações do tipo:

- [1] “Os verbos *flexionam-se* em número, **pessoa**, modo, tempo e voz.” (CEREJA & MAGALHÃES, 1999).
- [2] “O verbo apresenta as *variações* de número, de *pessoa*, de modo, de tempo e de voz” (CUNHA, 1979).

Entretanto, o que vemos é que o significado segunda pessoa do singular, ou seja, aquele com quem se fala, formalmente materializado pelos seguintes sufixos: no modo indicativo /s/; no presente; /ste/, no pretérito perfeito; /vas/, no pretérito imperfeito; /ras/, no pretérito mais-que-perfeito; /rás/ , no futuro do presente e /rias/ no futuro do pretérito etc. apresentam como concorrentes na expressão do significado, as formas pronominais *tu~você* associadas às desinências de terceira pessoa do singular: morfema zero ou desinências específicas, o que nos leva a pensar nos parâmetros meios de materialização e relevância sintática:

Meios de materialização

- (i) Um afixo é flexional se seu significado materializa-se apenas morfológicamente. Quando há concorrência de estratégias para exteriorizar seu conteúdo, o afixo deve ser analisado como derivacional. (GONÇALVES, 2005, p. 24)

Por exemplo, a referência à segunda pessoa do singular ocorre a partir da associação das formas pronominais *você ou tu* às DP de terceira pessoa do singular. A informação gramatical, aquele com quem se fala, passou a ser materializada por outras formas que não somente a morfológica. Podemos dizer que as formas pronominais são as responsáveis pela interpretação da pessoa do discurso, o que também fez com que a expressão das DP de segunda deixasse de ser relevante sintaticamente.

Relevância sintática

- (ii) A flexão é requerida pela sintaxe da sentença, isto é, um contexto sintático apropriado leva à expressão das categorias flexionais, o que não acontece com a derivação, isenta do requisito “obrigatoriedade sintática”. (GONÇALVES, 2005, p. 12)

A partir desses parâmetros, podemos determinar que a marca de segunda pessoa singular não pertence à morfologia flexional, já que deixou de ser requerida pela sintaxe da sentença e apresenta, atualmente, estratégias que concorrem pela expressão do significado. Os exemplos [1] a [4] confirmam a mudança do *status* morfológico da desinência.

[1] (Gravação secreta realizada no Centro da cidade do Rio de Janeiro no mês de maio de 2008. Foi entrevistada uma mulher de aproximadamente 30 anos, muitíssimo bem vestida, que aparentava ser advogada.)

F1.: pesquisadora e F2.: entrevistado(a)

F2.: Pô porque olha só porque vai ficar um pouco longe para **você** ir andando

F1.: Ah é?

F2.: É mas de qualquer forma **você** faz um seguinte se **você** se **você** atravessar toda essa rua aqui **você** pega um ônibus ali na frente (...) da Santa Luzia

F1.: Santa Luzia?

F2.: É agora se **você** quiser ir por aqui também dá

F1.: Por aqui?

F2.: Não dá porque se **você** for para lá **você** vai pegar o início da rua se **você** for por aqui **você** pega mais perto

F1.: pego mais

F2.: **Você** vai ter que seguir aqui onde aquele táxi está indo (...)

[2] (Gravação secreta realizada nas ruas do Centro da cidade do Rio de Janeiro no mês de 2008. Foi entrevistado um advogado aparentando ter menos de 30 anos de idade.)

F1.: pesquisadora e F2.: entrevistado(a)

F1.: Oi dá licença sabe como eu chego ao fórum aqui no Centro

F2.: Vai aqui direto aí vai ver uma transversal do lado de cá (...) à direita

F1.: Certo é a Primeiro de Março né

F2.: **Você** vai aqui direto

F1.: Ali para lá que é a Justiça do Trabalho?

F2.: Não

F1.: A Justiça do Trabalho é para onde

F2.: É justamente o inverso

F1.: É o inverso?

F2.: A Justiça do Trabalho é para lá

F1.: Ai meu Deus

F2.: Não tem nada a ver uma coisa com a outra

F1.: Não tem nada a ver? Mas assim como eu faço daqui para chegar

F2.: A Justiça do Trabalho?

F1.: Isso

F2.: **Tu** quer ir à rua do Lavradio né?

[3] Gravação secreta realizada no centro do Rio de Janeiro no mês de maio de 2006. Foi entrevistada uma gerente adulta.

F1.: pesquisadora e F2.: entrevistado(a).

F1.: Oi tudo bom?

F2.: Tudo

F1.: **Você** é gerente da minha e eu vim aqui hoje para cancelar

F2.: Cadê o: o número da conta

F1.: Aqui ó eu acabei de tinha um um saldo devedor aí eu acabei de fazer um depósito (...) tem o comprovante né esta aí o número da conta

F2.: **Você** fez no caixa automático?

F1.: Fiz fiz agora no caixa eco/ no caixa eletrônico

F2.: Tá depois que (processar) eu vou te dar um número que aí **você** liga para lá para cancelar pode se pelo telefone (...) depois pode deixar entrar isso aí hoje à noite amanhã você liga

F1.: Está está ótimo e:: olha só com relação também eu queria saber ao empréstimo que eu tenho esse valor vai ser vai ser

F2.: É débito na tua conta?

F1.: É debitado na conta

F2.: Então **você** não pode encerrar como é que **tu** vai encerrar uma conta se não vai vai bater o débito automático vai reativar a conta tem que acabar de pagar

F1.: Ah é? Para poder

[4] Gravação secreta realizada no centro do Rio de Janeiro no mês de outubro 2006. Foi entrevistada uma ambulante jovem.

F1.: pesquisadora e F2.: entrevistado(a)

F2.: Para central é aqui ó ... **tu** vai para onde] **você** vai para onde?

F1.: Eu? quero ir para a central mas antes eu tenho que ir para as barcas

F2.: Ah antes de **você**: **você** tem que ir nas barcas depois **você**:: **você** veio daqui

F1.: É vim daqui

F2.: Tá quando **você** vim de lá das barcas **você** vai nas barcas e vai voltar?

F1.: Vou

F2.: Então para ir para a central é aqui ó ... Na segunda aqui é direita né?

F1.: Ah ah

F2.: A segunda à direita **tu** entra que vai dar na alfândega **tu** vai passar por dentro da alfândega e vai sair na Central

Analisando a questão, vemos que a estratégia empregada é associar os pronomes pessoais *tu* ou *você* a formas do verbo na terceira pessoa do singular, o que significa que o morfema zero ou a desinência de terceira pessoa associada às formas pronominais *tu* ou *você* são empregadas como estratégia de referência ao sujeito de segunda pessoa do singular. Essa estratégia concorre com a desinência número-pessoal de segunda na expressão do conteúdo gramatical. Vejamos, abaixo, a esquematização da regra:

Presente do indicativo

eu amo

tu amas

ele ama \emptyset / tu ama \emptyset ou *você* ama \emptyset

Pretérito perfeito do indicativo

eu amei

tu amaste

ele amou / tu amou ou *você* amou

Pode-se ver que o processo é produtivo, já que todos os verbos apresentam forma de terceira pessoa singular em todos os tempos verbais e modos, apropriando-se, portanto, da regularidade do paradigma verbal. A defectividade¹⁶⁵ não afeta a terceira pessoa do singular, sendo assim as condições de produtividade são excelentes. Todos os sufixos de segunda pessoa do singular terão como sufixos concorrentes na expressão do significado de segunda pessoa do discurso as desinências de terceira pessoa do singular (assunto sobre o qual se fala), que serão os morfemas zero ou formas específicas. Uma vez categorizado como afixo derivacional, o conteúdo gramatical: segunda pessoa do singular, por ser uma estratégia produtiva e aplicável, dificulta ainda mais a segregação das morfologias derivacional e flexional. Abaixo o critério aplicabilidade.

Aplicabilidade

- (iii) A flexão é mais produtiva que a derivação, no sentido de que estrutura paradigmas mais regulares e sistemáticos. (GONÇALVES, 2005, p. 31)

As duas estratégias de referência ao interlocutor são produtivas e geram paradigmas regulares. Se pensarmos que a defectividade não afeta a terceira pessoa do singular, veremos que associar as formas pronominais *tu* ou *você* às DP de terceira do singular é um processo extremamente produtivo. As DP de terceira são, de certa forma, até mais produtivas que a DP de segunda, que, em alguns casos, por questões de eufonia ou significação, podem não ter expressão formal.

4. Especialização semântica do afixo de segunda pessoa do singular

O sufixo de segunda pessoa do singular sofreu uma especialização semântica a partir da entrada da forma *você* no sistema pronominal brasileiro. Até inícios do século XX, à desinência cabia apenas a função de expressar o significado: com quem se fala. Com a inserção da forma inovadora, outras estratégias de referência ao interlocutor passaram a existir e cada uma passou a ocupar um espaço funcional específico. A consequência desses usos é que os falantes do dialeto carioca, por exemplo, dispõem de três estratégias pronominais de tratamento em situações de informalidade, a saber: (1) *tu* sabe, (2) *você* sabe ou (3) \emptyset sabe \emptyset . Cada variante apresenta um significado pragmático-discursivo e juízo de valor

¹⁶⁵ "Defectivos são os verbos que, na sua conjugação, não apresentam todos os tempos, modos ou **peçoas**. Na maioria dos casos, a defectividade verbal é devida à eufonia ou à significação." (*Id.*, 1999, p. 165)

distinto ligados à sua expressão formal. A variante 1, por ser um uso não padrão do pronome-sujeito *tu*, é amplamente estigmatizada pela sociedade, o que faz com que os falantes mais influenciados pela Norma Culta Padrão a evitem. Por outro lado, a variante 2, como não infringe as regras de concordância prescritas pelas gramáticas tradicionais, apresenta uma avaliação social positiva, conferindo à forma *você* status de verdadeiro pronome pessoal na atual sincronia em diversas regiões do Brasil. Por fim, a variante 3, como omite a forma pronominal, é também uma estratégia amplamente empregada. Em pesquisa recente sobre o tema, Maia dos Santos (2008)¹⁶⁶ verificou que a estratégia 3 vem sendo empregada por pessoas que não querem ou não sabem categorizar socialmente o seu interlocutor. Esse uso se mostra bastante apropriado em situações em que os informantes estabelecem uma interação comunicativa sem que seus papéis sociais não estejam bem definidos. Podemos pensar ainda em uma quarta variante: “*tu* sabes”, variante padrão. Na variedade carioca, embora esse seja o uso prescrito pelas gramáticas tradicionais, as DP de segunda associadas à forma pronominal *tu* adquirem uma conotação social de pedantismo. Se um falante exhibe essa variante, em uma situação de informalidade, será avaliado socialmente de forma negativa. Na variedade sulista, por outro lado, e até mesmo no português europeu, o uso padrão do pronome-sujeito *tu* em situações de informalidade não apresentará a mesma avaliação social, o mesmo significado pragmático-discursivo, ou seja, as DP de segunda apresentam variabilidade semântica condicionada pela região a que pertence o falante. Essa observação vai ao encontro do parâmetro:

Estabilidade semântica

- (iv) A flexão é semanticamente mais regular que a derivação. Dito de outra maneira, há coerência semântica nas operações flexionais, o que pode não acontecer nas derivacionais.

O uso padrão do pronome-sujeito *tu* apresenta significados que podem variar geograficamente ou sociolinguisticamente. Por exemplo, na variedade carioca, pode parecer pedantismo o falante, em situações de informalidade, empregar o uso padrão da forma: *tu* sabes, *tu* queres etc. Já na variedade sulista, “*tu* sabes”, “*tu* queres” são naturais em situações informais. Até mesmo se pensarmos no português europeu, em que tal uso é comum na fala de informantes pouco escolarizados, já que para eles es-

¹⁶⁶ Em *corpus* constituído com o objetivo central de captar as formas pronominais de tratamento a partir de entrevistas espontâneas realizadas nas ruas do Centro da cidade, a estratégia 3 foi amplamente utilizada.

sa variante faz parte da língua materna. Esse uso é parte da gramática internalizada. Já no Brasil, o falante que exibe tal variante em situações informais indica que tem alto grau de educação formal ou pertence a determinada região do país, o que nos leva a considerar a função indexical da desinência.

Função indexical

- (v) (xii) Apenas afixos derivacionais podem servir como meio de sinalização do falante do ponto-de-vista social, geográfico e etário. (*Ibid.*, GONÇALVES, 2005, p. 87)

Nesse sentido, podemos mais uma vez confirmar que o morfema tem incorporado propriedades que tornam possível considerá-lo pertencente à morfologia derivacional.

5. Considerações finais

Pelos exemplos arrolados, pudemos verificar que realmente houve mudança no *status* morfológico das DP de segunda pessoa do singular. A mudança de *status* foi provocada pela inserção da forma nominal de tratamento *você* no quadro de pronomes pessoais brasileiro. O fato de a forma *você* ser originalmente uma forma de tratamento tornou possível a associação do pronome *tu* a verbos na terceira pessoa do singular, criando, com isso, estratégias concorrentes para a expressão do significado veiculado pelas DP de segunda do singular. Ao mesmo tempo, cada concorrente assumiu um papel semântico-discursivo específico, o que fez com que o morfema passasse a compartilhar com os afixos derivacionais algumas propriedades funcionais. Esse fenômeno é mais um exemplo que confirma a validade do *continuum* morfológico proposto por Bybee (1985). A entrada da forma *você* no quadro pronominal promoveu uma redução no paradigma flexional e pronominal, o que fez com a forma pronominal se tornasse a responsável pela indicação da pessoa do discurso. A variabilidade semântica, a função indexical e os meios de materialização, parâmetros propostos por Gonçalves (2005), são alguns parâmetros que sustentam a interpretação do caráter derivacional que a DP de segunda apresentam atualmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática portuguesa*. 37 ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: Linguagens: Literatura, produção de texto e gramática*. 3. ed. São Paulo: Atual, 1999.

DUARTE, M. Eugênia L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993, p. 107-128.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Flexão e derivação em português*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

LOPES, C. R. S.: *Vossa Mercê > você e Vuestra Merced > usted*: o percurso evolutivo ibérico. *Linguística – publicação da ALFAL*, vol. 14, 2003.

_____. Correlações histórico-sociais e linguístico-discursivas das formas de tratamento em textos escritos no Brasil – séculos XVIII e XIX. In: CIAPUSCIO, Guiomar; JUNGBLUTH, Konstanze; KAISER, Dorothee; LOPES, Célia. (Org.). *Sincronia y diacronia: de tradiciones discursivas en Latinoamérica*. Frankfurt: Vervuert/Biblio-theca Ibero-Americana, 2006, v. 107.

_____; C. R. S.: O quadro dos pronomes pessoais. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (Orgs.). *Morfossintaxe e ensino de português: reflexões e propostas*. 1 ed. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004, v. 1, p. 151-178.

_____; DUARTE, M. E. L. De “Vossa Mercê” a “Você”: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Orgs.) *Análise contrastiva de variedades do português*: Primeiros estudos. Rio de Janeiro: In-fólio, 2003, p. 61-76.

SACCONI, Luiz Antônio. *Gramática essencial da língua portuguesa*: teoria e prática. São Paulo: Atual, 1989.

SANTOS, Viviane Maia dos. A variação das formas pronominais tu~você no Rio de Janeiro do século XX. In: CONGRESSO INTERNA-

CIONAL DA ALFAL, 15., 2007, Montevidéu. *Atas...* Montevidéu: Universidad de la República, 2007, CD-ROM.

SILVA, Vera L. Paredes. A distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular na fala carioca ao longo do século XX. *II Congresso Nacional da Abralín* (CD-ROM), 2000.

_____. O retorno do pronome *tu* à fala carioca. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade, história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, 160-169.